

NIKOLAUS LUDWIG VON ZINZENDORF: A COMPREENSÃO E A PRÁXIS DE MISSÃO DOS IRMÃOS MORÁVIOS

Klaus Andreas Stange*

A comunidade dos irmãos Morávios constitui-se em uma das mais significativas comunidades legadas pelo Pietismo. Sua história se estende desde o séc. XVIII até os nossos dias. Ainda que os irmãos Morávios remontem sua história ao tempo de João Hus, foi com Zinzendorf que a comunidade recebeu um novo impulso e experimentou um avivamento.

Liderados por Zinzendorf, os irmãos Morávios empreenderam um trabalho missionário que, após 50 anos, contava com 700 estações missionárias e 335 missionários espalhados por todos os recantos do mundo. A proporção de missionários chegou a 1 para cada 25 membros. Dificilmente essa proporção será igualada por outro grupo na história das missões.

É por isso que queremos resgatar alguns traços da biografia de Zinzendorf e da história da comunidade dos irmãos Morávios. Eles nos impulsionam para refletirmos sobre a missão no contexto do séc. XXI.

I. O CONDE NIKOLAUS LUDWIG VON ZINZENDORF

O conde Zinzendorf nasceu no dia 26 de maio de 1700, na cidade de Dresden, Alemanha. Seus pais eram de origem luterana e tinham estreito contato com Philipp Jakob Spener, o Pai do Pietismo luterano. Quando Zinzendorf foi batizado, com um mês e meio de idade, Spener foi seu padrinho de batismo. Seu pai, Georg Ludwig von Zinzendorf (1662-1700), secretário de Esta-

do em Dresden, veio a falecer quando Zinzendorf tinha apenas 6 meses de idade. Quatro anos mais tarde, sua mãe, Charlotte Justine, nascida Gersdorf (1675-1763), casou-se novamente com o general prussiano Dubislav Gneomar von Natzmer.

Após a morte prematura de seu pai e o segundo casamento de sua mãe, Zinzendorf acabou sendo criado e educado pela sua avó, Henriette Katharina von Gersdorf (1648-1726). Segundo os historiadores, a baronesa Henriette era uma das mulheres mais cultas de seu tempo.¹ Ela se correspondia com Leibniz e os doutos da ortodoxia luterana, e tinha amizade com Spener e Francke. Foi com sua avó que Zinzendorf aprendeu a ter uma postura transconfessional e fraterna. “Com minha avó aprendi um princípio de vida. Sem esse princípio, a comunidade de Herrnhut não existiria. Ela não conhecia diferenças entre a religião católica, luterana e reformada, mas o que tinha um coração e se aproximava dela, esse era seu próximo” - assim relata Zinzendorf.² A baronesa foi uma grande incentivadora e defensora da proposta de reforma de Spener e Francke. Além de sua avó, também a sua tia, Henriette von Gersdorf (1686-1761) - irmã mais nova de sua mãe - exerceu profunda influência sobre a piedade de Zinzendorf.

O menino amava o Senhor de coração, orava muito, lia a Bíblia diariamente, conhecia bem o Catecismo de Lutero e, por vezes, até pregava para as cadeiras. Aos 10 anos, ingressou no *Paedagogium* de Francke, em Halle. Ali foi confrontado com a rigorosidade do *Busskampf* (“a luta do arrependimento”). O *Busskampf* era uma prática obrigatória a todos os alunos, e aqueles que não se submetessem à prática ascética não eram tidos como crentes verdadeiros. Zinzendorf, porém, discordava disso tudo. Para ele, a conversão não era uma experiência. Expressava seus argumentos teológicos e também insistia que nunca havia estado sem Cristo.³

Pouco a pouco, convenceu outros meninos de sua idade a formarem um pequeno grupo para edificação mútua, denominado-o de “Ordem do Grão de Mostarda”. Essa ordem era uma espécie de fidalguia espiritual, na qual a flor da nobreza se unia para a confissão do seu Salvador, em palavra e ação: ser fermento entre os cristãos; trabalhar para a salvação e comunhão entre todos os homens, independente das particulares conexões eclesiásticas de

¹ Johannes WALLMANN. *Der Pietismus – Die Kirche in ihrer Geschichte*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990, p.110.

² Citado por O. UTTENDÖRFER, *Zinzendorf und die Mystik*, p.23 in: Johannes WALLMANN, *op. cit.*, p.110.

³ Johannes WALLMANN, *op. cit.*, p.111.

* Klaus A. Stange (Ms) é professor na Faculdade Luterana de Teologia – FLT em São Bento do Sul / SC. Trabalhou durante 12 anos como missionário da Missão Evangélica União Cristã - MEUC. É casado com Mariane K. Stange e reside em São Bento do Sul / SC.

cada um; ajudar todos aqueles que fossem perseguidos pela sua fé; levar o evangelho aos pagãos além dos mares. Nesse grupo de amigos se encontrava Friedrich von Watterwille (1700-1777), que se tornaria amigo pessoal de Zinzendorf por toda sua vida. Os meninos confabulavam entre si como poderiam conquistar o mundo para Cristo. Relatos do campo missionário na Índia eram lidos em reuniões ao redor da mesa. Zinzendorf também havia tido a oportunidade de conhecer pessoalmente alguns dos missionários da Índia. Com seus colegas, ele comentava: “Nós teremos que nos apressar se ainda quisermos tomar parte da conquista missionária que permeará o mundo!”.⁴

Depois de estudar durante 6 anos com Franke, em Halle, Zinzendorf foi “obrigado” pela sua família a estudar direito, a fim de preparar-se para assumir o serviço governamental, como era a praxe para moços da alta sociedade. Assim, aos quinze anos, Zinzendorf seguiu para a Universidade de Wittenberg, a cidadela da ortodoxia luterana. Paralelamente aos estudos de direito, estudou por conta própria os escritos de Lutero e de Spener. Zinzendorf empenhou-se para desfazer o abismo que havia entre a ortodoxia luterana e o Pietismo. “Impulsos para a paz a uma igreja em conflito” - este era o título do seu primeiro escrito, não publicado, como estudante de Wittenberg.

Aos 19 anos, após a conclusão dos estudos de direito na Universidade de Wittenberg, saiu em viagem de estudos, conforme era o costume dos acadêmicos aristocratas. Esteve na Alemanha, Holanda, Bélgica e França. Durante a viagem, manteve contatos com cristãos católicos e reformados. Esses contatos fortaleceram sua experiência ecumênica e contribuíram para sua postura de tolerância confessional.

Em Düsseldorf, deparou-se com a obra de Dominício Feti, a pintura “Ecce Homo” (Cristo Coroado de Espinhos), que atualmente se encontra em Munique, com as seguintes palavras: “Isto eu fiz por ti. O que fazes tu por mim?”. Essa experiência causou uma impressão indelével no jovem conde, que reforçou a sua decisão de viver para Cristo.

Durante sua viagem de estudos,



“Ecce Homo”

enamorou-se de uma prima, mas logo descobriria que o conde Henrique XXIX von Reuss seria aquele que se casaria com ela. Deixou a idéia de casar-se de lado. Seu objetivo era servir ao Senhor.

Em 1721, aos 21 anos de idade, começou a trabalhar como conselheiro do eleitor, em Dresden. Dentre as suas muitas tarefas, carregava a responsabilidade de defender a causa de evangélicos perseguidos pela sua fé. Ao lado de suas responsabilidades governamentais, realizava círculos de estudos bíblicos em sua casa, todos os domingos, à tarde. Em seus círculos de comunhão *filadélfia* (de amor fraternal) reuniam-se pessoas de várias linhas e correntes teológicas. A *religião do coração*, como Zinzendorf denominava sua postura de tolerância religiosa, permitia que se congregassem católicos, luteranos, reformados, pietistas e separatistas em um mesmo ambiente.⁵

Zinzendorf se caracterizou como pessoa com excelente trânsito ecumênico, sem diluir suas convicções. Na cidade de Dresden, editou anonimamente um semanário – o *Sokrates von Dresden* – onde “alfinetava”, de forma dura e sarcástica, o clero luterano ortodoxo. Escandaloso para a época foi o artigo de Zinzendorf, no qual ele relatava de um pastor luterano que queria cobrar o que lhe era devido, antes de ministrar um ofício. Em resposta aos teólogos ortodoxos que o criticavam, Zinzendorf citou os Artigos de Schmalkald (1536), nos quais Lutero diz que o Evangelho oferece conselho e ajuda ao pecador pela pregação da Palavra, pelo batismo e santa ceia, pelo poder das chaves (a disciplina) e *finalmente por conversação fraterna e encorajamento mútuo* (Mt. 18.20). Zinzendorf criticava a igreja estatal e a frieza espiritual sem, contudo, satanizar a igreja ou conclamar para uma separação desta.⁶

Foi nos círculos de estudo bíblico que Zinzendorf realizava em sua casa, que ele conheceu a condessa Erdmuthe Dorothea von Reuss-Ebersdorf (1700-1756). A condessa Erdmuthe se tornaria sua esposa. Eles se casaram em 1722. Tiveram doze filhos, dos quais somente quatro chegariam à idade adulta. Erdmuthe seria uma auxiliadora incansável de seu marido e da igreja. Zinzendorf certa vez afirmou: “Ela dirigiu [nosso lar] com a sabedoria da Escritura”. No seu túmulo, os refugiados morávios gravaram os seguintes dizeres: “Mãe Adotiva da Igreja dos Irmãos”.⁷

⁵ Johannes WALLMANN, op. cit., p.112.

⁶ Johannes WALLMANN, op. cit., p.112.

⁷ Ela faleceu em Hermhut no ano de 1756, quatro anos antes do conde. Ver a biografia escrita por E. GEIGER, *Erdmuthe Dorothea Gräfin von Zinzendorf*. Hermhut, 1999. Confira também Franz Leonard SCHALKWIJK, *O Conde e o Avivamento Morávio: Um Ensaio Histórico por Ocasião do Tricentenário de Zinzendorf*. São Paulo: Fides Reformata 5, no. 2, 2000.

⁴ Johannes WALLMANN, op. cit., p.111.

II. A *UNITAS FRATRUM* (COMUNIDADE DOS IRMÃOS)

É conhecido que a Reforma teve seu início na Alemanha com Martinho Lutero (1517). Porém, poucos sabem que, antes da Reforma de Lutero, na Alemanha, houve uma florescente igreja protestante na atual República Tcheca, cujas principais regiões são a Boêmia no oeste (ao redor da capital Praga) e a Morávia no leste.⁸

A República Tcheca havia entrado em contato com o cristianismo através de missionários vindos de Constantinopla, no séc. IX. O principal expoente foi o casal Wenceslau e Ludmila. Além disso, estudantes tchecos passaram a estudar na Universidade de Oxford, na Inglaterra, e tiveram contato com o professor John Wycliffe (m.1384). Os ensinamentos bíblicos desse pré-reformador foram levados pelos estudantes para a República Tcheca, recebendo uma singular acolhida no coração das pessoas.

Nessa mesma época, na Universidade de Praga, o pré-reformador João Hus pregava com zelo contra os erros que via na vida e na doutrina da Igreja Católica Romana. Hus foi condenado pelo Concílio de Constança e queimado vivo em 1415, apesar de um salvo-conduto imperial.⁹

Na Boêmia, a terra natal de Hus, eclodiu uma revolta e formou-se uma igreja evangélica conhecida como *Unitas Fratrum*, a União dos Irmãos ou a Comunidade dos Irmãos. Seus adeptos distanciaram-se das corrupções da igreja. Porém, em 1620, a Boêmia foi vencida pela Áustria. O novo governo decidiu implantar a contra-reforma católica romana e exterminar a ferro e fogo os evangélicos. De forma especial, foram perseguidos os cristãos da *Comunidade dos Irmãos*. Nem a Paz de Westfália (1648) trouxe alívio para esses crentes perseguidos. Muitos foram mortos e outros fugiram, especialmente para Lessa, na Polônia. Entre os refugiados, encontrava-se o também famoso educador pietista João Amós Comênius, bispo da *Unitas Fratrum* (falecido em 1670), que lamentou o fato de a igreja de Roma ter se tornado a perseguidora dos próprios cristãos.¹⁰

Como em muitos momentos da história de Deus com seu povo, quando parecia que os evangélicos haviam sido extirpados da Boêmia e da Morávia, Deus levantou homens e mulheres para dar seguimento à sua obra. E Deus usou um jovem pastor de ovelhas da Morávia, chamado Christian David (1691-1751), cujo apelido era “o servo do Senhor”, para reacender o fogo evangélico.

⁸ Frans Leonard SCHALKWIJK. Op cit., p.9

⁹ Williston WALKER. *História da Igreja Cristã*. Vol. II. São Paulo: Astc, 1967, p.197.

¹⁰ Frans Leonard SCHALKWIJK. Op cit., p.10

Christian era católico convicto. Durante um período de sua vida, esteve inclinado ao judaísmo. Pela leitura da Palavra de Deus e em contato com círculos pietistas, na Saxônia, experimentou uma conversão, em 1717. Schalkwijk escreve:

Depois de muitas viagens fora da Morávia e de ter recebido assistência de um pastor luterano pietista, na Saxônia, durante uma enfermidade, Christian regressou para a sua terra natal a fim de pregar as boas novas de salvação. Sua pregação causou um despertar espiritual, o que provocou, novamente, muitas perseguições.¹¹

Em função das perseguições que se instalaram em sua comunidade, Christian procurou o seu pastor na Saxônia. O pastor Rothe era amigo pessoal de Zinzendorf e pastoreava a comunidade instalada nas terras de Zinzendorf. O pastor Rothe, ao saber da situação dos irmãos da Morávia, levou Christian para falar com Zinzendorf. Este consentiu em receber os crentes perseguidos em Herrnhut, sua propriedade. Christian David voltou para a Morávia e um pequeno grupo aceitou o desafio de ir morar em Herrnhut. Numa noite, cinco famílias partiram de suas casas para atravessar as montanhas e, depois de doze dias, chegaram à vila de Berthelsdorf (1722).¹²

III. A COMUNIDADE DE HERRNHUT

Ao ingressar no serviço estatal em Dresden, Zinzendorf havia adquirido a vila de Berthelsdorf, uma porção de terra que pertencia à sua avó, a baronesa Henrietta. A vila situava-se a cerca de 110 km a leste da cidade de Dresden. O desejo de Zinzendorf foi que, em suas terras, na comunidade de Berthelsdorf, sempre fosse cultivada a *religião do coração*. Por isso, nomeou seu amigo Johann Andreas Rothe (1688-1758) como pastor dessa comunidade.¹³ Em Berthelsdorf, além do pastor Rothe, também pregava Johann Christoph Schwedler (1672-1730), cujos cultos eram freqüentemente assistidos por mais de 1000 pessoas. Através do trabalho e da pregação de ambos os pastores, o vilarejo de Berthelsdorf tornou-se uma congregação de pietistas avivados.¹⁴

¹¹ Frans Leonard SCHALKWIJK. Op cit., p.10

¹² Frans Leonard SCHALKWIJK. Op cit., p.10

¹³ Frans Leonard SCHALKWIJK. Op cit., p.9

¹⁴ Johannes WALLMANN, op. cit., p.113.

Em suas terras, Zinzendorf havia autorizado o asilo a refugiados de perseguições religiosas. Intermediado pelo pastor Rothe, Christian David recebeu autorização para instalar-se, juntamente com um grupo de cinco famílias moravianas, nas terras de Zinzendorf. As famílias moravianas não se instalaram na vila de Berthelsdorf, mas no campo, afastado alguns quilômetros da vila, em uma localidade onde o gado era guardado. O nome original era *Hutberg* (montanha da guarda). Zinzendorf comentou que o lugar seria um verdadeiro *Herrnhut*, um lugar debaixo da guarda do Senhor, mas também sempre um lugar na guarda do Senhor, louvando-o dia e noite (SI 134.1).¹⁵ Sob os acordes do Salmo 84, Christian David derrubou a primeira árvore em Herrnhut.¹⁶

Nos anos que seguiram, rapidamente a comunidade de Herrnhut cresceu, com a chegada de novos refugiados. A maior parte dos refugiados era herdeira da *Unitas Fratrum*, mas também vieram anabatistas, calvinistas e schwenkfeldianos – um grupo místico que colocava o Espírito acima da Palavra escrita. Não é difícil imaginar que em meio a tanta diversidade religiosa, surgissem tensões na comunidade: disputas teológicas, divergências étnicas, concorrência no trabalho, etc.

Herrnhut, a rigor, era uma congregação da igreja luterana de Berthelsdorf. Mas o líder das contendas, um tal de Krüger, um luterano já excomungado em outro lugar, chamou o pastor Rothe de “falso profeta”, Zinzendorf de “besta”, e a igreja luterana de “Babel”. Ele conclamou todos a deixarem a igreja luterana. Muitas pessoas foram influenciadas pelas suas pregações inflamadas, até mesmo o pioneiro Christian David. Embora Krüger tenha enlouquecido, tendo de ser internado num manicômio em Berlim, o mal semeado permaneceu e exigiu a intervenção do próprio conde.

Novamente citamos Schalkwijk:

Por cinco anos, durante o inverno, Zinzendorf havia continuado em seu trabalho como conselheiro real em Dresden, e no verão cuidava da sua propriedade rural. A igreja da vila de Berthelsdorf florescia com as pregações fervorosas do pastor Rothe, e à tarde o próprio conde, em sua casa, explicava a mensagem aos seus arrendatários. Ele fez um pacto com seu amigo Frederico de Watterwille e com os pastores

Rothe e Schäfer no sentido de promover a expansão do evangelho. Enquanto tudo ia bem, não se incomodou muito com o lugarejo de Herrnhut. Apenas havia determinado que somente refugiados por razões religiosas podiam ser admitidos, e tinha convencido os moradores a prometerem fidelidade à Confissão Luterana de Augsburg.¹⁷ O cantar dos velhos hinos morávios não era problema. No início de 1727, porém, com o radicalismo de Krüger, a situação deteriorou e o conde precisou agir. A paz de Cristo, nas suas terras, estava em perigo, pois o pastor Rothe alertava a igreja quanto aos “fanáticos alucinados” da colina e Christian David considerava o pastor um eclesiástico bitolado.¹⁸

Quando Zinzendorf percebeu que o pastor Rothe não conseguia pacificar os refugiados de Herrnhut, tirou férias de seu trabalho junto ao ministério de Dresden e dedicou-se exclusivamente à comunidade de Herrnhut. Empenhou-se intensivamente por cada membro. Com muita criatividade e carisma, em pouco tempo, Zinzendorf obteve êxito em seu ministério de pacificação, conduzindo a comunidade à comunhão e intensiva união. De uma comunidade fragmentada por particularidades confessionais e regida pelo caos separatista, surgiu a comunidade transconfessional dos irmãos morávios.¹⁹ Nesse momento crítico, o duelo foi transformado em dueto.

Zinzendorf convocou todos, homens e mulheres, depois de um longo culto de cânticos à noite (*Singstunde*), para uma reunião geral na casa grande de Herrnhut, no dia 12 de maio de 1727. Primeiramente, Zinzendorf falou pastoralmente sobre o pecado do separatismo. Em seguida, como dono das terras, explicou suas “Ordens e Proibições”, que todos tinham de obedecer por força de lei. Era um tipo de constituição simples como existia nas vilas da Alemanha, porém adaptada à situação local. Nos estatutos, todos se comprometiam a obedecer às leis do país, a curvarem-se diante da sua autoridade como proprietário feudal e a viver em harmonia cristã. Prometendo obedecer às determinações de Zinzendorf, todos deram as mãos ao seu senhor terreno, que por sua vez garantiu que seus arrendatários nunca seriam seus servos

¹⁵ Frans Leonard SCHALKWIJK. Op cit., p.10

¹⁶ Colin A. GRANT. *Os Morávios na Europa: Uma Igreja Missionária Pioneira*, in: Ralph D. WINTER e Steven C. HAWTHORNE, eds. *Missões Transculturais: Uma Perspectiva Histórica*. São Paulo: Mundo Cristão, 1987, p. 250.

¹⁷ A *Confessio Augustana* (1530). A orientação fornecida pela Confissão, por Lutero e pela Escritura foi a bússola do conde, ajudando-o a superar grandes problemas, inclusive no período crítico entre 1743 e 1749 (*Sichtungszeit* = tempo de penitência). Ver O. Uttendörfer, *Zinzendorf und die Mystik*. Berlim, s.d., p. 169ss, 422.

¹⁸ Frans Leonard SCHALKWIJK. Op cit., p. 10

¹⁹ Johannes WALLMANN, op. cit., p.113-114.

feudais ou sua posse pessoal, mas sempre poderiam viver como homens livres, o que naquela época, na Alemanha, era algo especial.²⁰ Finalmente, Zinzendorf também apresentou um estatuto com 42 artigos, que criava a *Associação dos Fraternos (Brüderlichen Verein)* que continha regras para uma vida em comunidade. A inscrição nessa associação era voluntária. Na comunidade de Herrnhut, deveria ser praticado o sacerdócio de todos os crentes, segundo o modelo de 1Co 14 (os que receberam o dom para ensinar, devem ensinar. Os demais devem julgar). Nesse sentido, instituiu vários ministérios leigos na comunidade. Organizou o ministério dos anciãos (*Ältestenamnt*) para o qual foram eleitos doze anciãos (sendo 4 deles sorteados para a função de anciãos-chefes), o ministério do ensino, da exortação, inspetores de serviços públicos, assistentes dos enfermos e dos necessitados. Além disso, estimulou a formação de pequenos grupos para edificação mútua. A reunião estendeu-se por mais de três horas, com um balanço positivo.²¹

A assinatura dos estatutos por parte de todos os refugiados de Herrnhut, no ano de 1727, garantiu para a comunidade – com seus ministérios e regras – uma forma de organização religiosa autônoma sem, contudo, estar separada da igreja luterana. A comunidade de Herrnhut participava dos cultos luteranos em Berthelsdorf, o pastor ministrava a ceia e celebrava batismos. Zinzendorf procurava aplicar o princípio de Spener de *ecclesiola in ecclesia*.

Significativo se tornou o culto de 13 de agosto de 1727. Esse culto eucarístico, dirigido pelo pastor Rothe, trouxe uma renovação para a comunidade de Herrnhut. Mesmo antes do culto havia um forte senso de reverência a Deus. Schalkwijk, em seu artigo sobre os irmão morávios, descreve o culto da seguinte forma:

O pastor Rothe pregou sobre a importância daquela ocasião depois de tantas dificuldades: agora eles eram os convidados do Senhor para sentarem-se com Ele à sua mesa. Depois do cântico, duas moças fizeram profissão da sua fé. Após outro hino, o conde fez a oração de confissão pública em meio às lágrimas de muitos, suplicando perdão pelo sangue de Cristo, livramento de todas as divisões, e a bênção de uma união verdadeira de coração para que pudessem ser uma bênção para outros, perto e longe. Mais três pessoas oraram, e a parte da liturgia sobre o perdão dos pecados foi pronunciada por um outro pastor, que em seguida ministrou os elementos. Todos sentiram um

misterioso toque do poder de Deus. Encheram-se da paz e alegria do Espírito Santo. Houve um profundo senso de comunhão com Cristo e com os outros, e eles reconheceram: “Aprendemos a amar”.²²

Até hoje, o 13 de agosto é considerado como o dia do renascimento espiritual da Igreja dos Irmãos, da *Unitas Fratrum*.

Digno de nota é o fato de que, naquele culto eucarístico, dois dos anciãos não puderam participar por se encontrarem de viagem para a Hungria. Naquele mesmo dia, sem saber o porquê, os dois irmãos sentiram uma profunda necessidade de orar pela comunidade de Herrnhut. Somente mais tarde souberam o que sucedera na comunidade. Para não perder esse impulso celestial, duas semanas após o culto eucarístico, iniciou-se em Herrnhut a *Intercessão de Hora em Hora*: durante 24 horas havia em Herrnhut alguém – uma irmã ou um irmão, em forma de rodízio – que orava. Esta foi a reunião de oração mais longa da história, pois por mais de 100 anos se orou, ininterruptamente, em Herrnhut.²³

Depois de 1727, a comunidade de Herrnhut floresceu na sua expressão religiosa. Havia vida, alegria e uma paz contagiante. Ao lado dos cultos dominicais e cultos eucarísticos em Berthelsdorf, organizou-se em Herrnhut uma grande variedade de encontros e programas. Diferentemente de seus irmãos pietistas de Halle – que prezavam uma riqueza litúrgica nos cultos – Zinzendorf desenvolveu uma série de novas formas de culto: o culto do lava-pés, a ceia do amor, o culto da Páscoa (ao lado do cemitério), o culto de louvor (*Singstunde*), que no início acontecia ao entardecer de todos os dias. Em um desses cultos de louvor, mais precisamente no dia 03 de maio de 1728, alguém teve a idéia de sortear um versículo bíblico, que no dia seguinte deveria ser levado pelos anciãos aos idosos e àqueles que se encontravam doentes. A partir dessa idéia, originaram-se as *Senhas Diárias*, com uma senha do Antigo Testamento e um versículo interpretativo do Novo Testamento, além da estrofe de um hino. A primeira edição impressa data de 1731 e se perpetua até o dia de hoje como um dos impulsos devocionários mais estimado pela cristandade.²⁴

Dois fatores ainda necessitam ser mencionados como elementos fundamentais para o desenvolvimento da espiritualidade de Herrnhut. Primeiro, Zinzendorf temia muito que a comunidade de Herrnhut, com o passar do

²⁰ Frans Leonard SCHALKWIJK. op cit., p.13.

²¹ Frans Leonard SCHALKWIJK. op cit., p.13-14.

²² Johannes WALLMANN, op. cit., p.115.

²⁰ Frans Leonard SCHALKWIJK. op cit., p.11-12.

²¹ Johannes WALLMANN, op. cit., p.114.

tempo, se dissolvesse em individualismo de seus membros. Para minimizar o individualismo, Zinzendorf criou pequenos grupos de comunhão. Inspirado pelo modelo dos *Collegia pietatis*, de Spener, Zinzendorf criou os “bandos”.²⁵ Para fomentar o crescimento na fé e a confiança mútua, os *bandos* nada mais eram do que grupos de interesse e amizade. Nos *grupos de comunhão* se reuniam, de acordo com o interesse e inclinação confessional, de 8 a 10 irmãos ou irmãs (a separação dos sexos era observada rigorosamente). Cada *grupo* elegia o seu líder, que era convocado para um encontro semanal com Zinzendorf. Em 1730, havia em Herrnhut 30 *grupos de comunhão*. Quatro anos mais tarde, esse número já subira para 100 *grupos de comunhão*.²⁶

Um segundo elemento a ser destacado são os corais. Em parte, os corais acabaram por substituir a função dos grupos de comunhão. Em Herrnhut se formaram dezenas de corais: coro de crianças, coro dos empregados, coro de moças, coro de rapazes, coro de mulheres, coro de casais, coro das viúvas e coro dos viúvos. Se um grupo se tornava grande, ele era subdividido. Por exemplo, o coro dos casados era dividido no grupo das grávidas, no grupo dos mais tímidos, no grupo das mulheres mais jovens – com filhos, etc... Esses pequenos grupos tinham o objetivo de fomentar o desenvolvimento espiritual de cada indivíduo, ao mesmo tempo, fortalecer a comunhão. Sem dúvida, para os padrões daquele tempo, a vida em comunidade de Herrnhut representou uma solução *sui generis* para o problema do equilíbrio entre indivíduo e comunidade. Boa parte da espiritualidade de Herrnhut se desenvolvia nesses *grupos de comunhão* e corais. Os corais tinham cada um seu momento de devoção diária, seu próprio jeito e forma litúrgica (*litanias*), celebravam suas festas e criavam suas poesias e músicas. A comunidade como um todo se reunia para o culto aos domingos e sentavam na igreja, separados de acordo com seu *grupo de comunhão* ou coro. Inclusive no cemitério, cada grupo e cada coro tinha seu espaço reservado. Um profundo senso de identificação.²⁷

IV A COMPREENSÃO E A PRÁXIS DE MISSÃO DE HERRNHUT

Certamente o despertar espiritual concedido por Deus entre os irmãos morávios impregnou a comunidade com um zelo e amor profundo

²⁵ *Banden* no alemão.

²⁶ Johannes WALLMANN, op. cit., p.115.

²⁷ Johannes WALLMANN, op. cit., p.115.

pelo seu Senhor e, conseqüentemente, pela evangelização e missão. Como já apontamos na introdução deste artigo, os desdobramentos missionários que se deram a partir da comunidade de Herrnhut ainda hoje nos impactam.

1. O pano de fundo histórico da compreensão e práxis de missão de Herrnhut

No início, a evangelização e missão se deram a partir do ofício da maioria dos membros de Herrnhut. Como eles, em sua grande maioria, eram artesãos, sua profissão os obrigava a sair pela região e oferecer os seus serviços. Logo se constatou que, nos arredores de Herrnhut, os irmãos moravianos lideravam grupos de comunhão, por sinal, bem visitados. Em pouco tempo, os pastores ortodoxos começaram a queixar-se da pouca freqüência aos cultos e à santa ceia. De forma isolada se constata que alguns pregadores itinerantes de Herrnhut foram perseguidos e submetidos a sanções jurídicas.²⁸

Ao perceber as tensões geradas, Zinzendorf redirecionou o impulso missionário e evangelístico dos irmãos de Herrnhut para a missão externa, a evangelização dos pagãos. Aqui se realizava um antigo sonho de Zinzendorf, acalentado desde a época de seus estudos em Halle.

Em uma viagem a Kopenhagen – por ocasião da coroação do rei Christian IV – Zinzendorf havia conhecido dois esquimós da Groenlândia e um negro – um ex-escravo da ilha de São Tomé, no Caribe. Zinzendorf levou o ex-escravo para Herrnhut. O testemunho e relatório do ex-escravo Anton, acerca da situação e condições de vida de seus irmãos na ilha de São Tomé, desencadeou o impulso decisivo para o envio de missionários. Através de um sorteio realizado entre os membros da comunidade, no dia 21 de agosto de 1732 foram enviados os primeiros missionários – Leonhard Dober (oleiro) e David Nitschmann (carpinteiro) – para a ilha de São Tomé.

Enquanto ambos se preparavam para sua viagem, descobriram que não poderiam ter contato com os escravos a não ser que fossem escravos eles mesmos. Ambos se dispuseram a deixar-se escravizar a fim de ter a oportunidade de libertar da escravidão do pecado e do Diabo os pobres cativos da África.²⁹ Atualmente, a igreja dos irmãos morávios possui três comunidades, com três pastores, nesta pequena ilha de 82 km².

No ano seguinte, o próprio Christian Davis, juntamente com mais dois

²⁸ Johannes WALLMANN, op. cit., p.118.

²⁹ Ruth A. TUCKER. *Até os confins da terra. Uma história biográfica das missões cristãs*. São Paulo: Vida Nova, 1986, p.70-86. Valdir STEURNAGEL. *Obediência Missionária e Prática Histórica*. São Paulo: ABU, 1993, p.102-103

irmãos, dirigiram-se a Groenlândia para evangelizar os esquimós.³⁰ Desde então, não cessou o envio de missionários – gente simples, artesãos humildes. Até a morte de Zinzendorf haviam sido abertos 28 campos missionários, em quase todas as partes da terra.³¹

Valdir Steuernagel, em seu livro *Obediência missionária e prática histórica*, analisa a herança missionária dos irmãos morávios.³² Queremos em prestar alguns apontamentos de seu livro e apresentá-los em forma de resumo.

2. A “moldura” da compreensão e práxis de missão de Herrnhut

Para Zinzendorf, a fé cristã só é legítima quando se encontra inseparavelmente ligada à expressão comunitária desta fé. *Não constato vida cristã sem comunhão* – dizia Zinzendorf. Ao mesmo tempo, vida comunitária desemboca em uma correspondente prática missionária. Com Zinzendorf, o conceito de igreja é ampliado. Não só a pregação da Palavra e o reto ministrar dos sacramentos é o que determina a igreja: a missão é uma das marcas desta.

A prática missionária dos irmãos de Herrnhut se caracterizava por uma simples e forte convicção de que o Evangelho necessita ser pregado, quanto possível, a todos. Historicamente, a prática missionária de Herrnhut desenvolveu-se fora dos canais eclesiais oficiais da época, baseando-se em recursos humanos leigos que, ao mesmo tempo, trabalhavam pelo seu sustento (fazedores de tendas). Sair para o campo missionário não era uma aventura romântica, mas teve um alto preço: um número significativo de missionários e missionárias o pagaram com a própria vida.³³

3. O “quadro” (princípios) da compreensão e práxis de missão de Herrnhut

A despeito de todo o engajamento missionário da comunidade de Herrnhut, não se encontra nos documentos da época qualquer alusão a um “programa” de missão, previamente elaborado e posteriormente seguido. O trabalho missionário de Herrnhut se caracteriza como um trabalho realizado com compaixão, simplicidade e sem alardes. Em 1727, antes de iniciar a missão aos pagãos, Zinzendorf se expressa da seguinte forma em uma carta escrita aos “missionários da diáspora”:

³⁰ Vale a pena a leitura sobre o ministério entre os esquimós. Cf. Ruth TUCKER, op. cit., p.77-83.

³¹ Johannes WALLMANN, op. cit., p.118-119.

³² Valdir STEUERNAGEL, op. cit., p. 92-120.

³³ Valdir STEUERNAGEL, op. cit., p.106-107.

Já que a congregação de Herrnhut achou por bem que vós fôsseis e pregásseis os méritos daquele que vos chamou, ide na paz do Senhor... Que Ele vá adiante de vós e vos permita vencer as barreiras. De graça recebestes, de graça dai. Ide, mas não para um só lugar. Caminhai, à luz do dia, pelas estradas da retidão. Confessai livre e corajosamente o vosso Rei. No que se refere a nós e às bênçãos entre nós, falai de acordo com as vossas convicções, mas com humildade. Escutai o que cada um tem a dizer. Buscai, em todo lugar, apenas aqueles que, nas igrejas, tenham ansiosamente buscado e achado a Jesus como o único...³⁴

Dessa citação de Zinzendorf, Steuernagel depreende alguns princípios de missão que são relevantes para a nossa prática missionária:

a) *A comunidade achou por bem...* Missão é evento que envolve toda a comunidade, toda a comunidade era envolvida. Contundente é o caso de um membro de Herrnhut, o Dr. Regner, que queria trabalhar como missionário no Suriname. Zinzendorf, ao examiná-lo, perguntou-lhe por quanto tempo ele pretendia ficar. Ao que ele respondeu: “Devo permanecer lá até morrer ou até que os anciãos me enviem a um outro lugar”. O exemplo evidencia que a prática missionária da comunidade de Herrnhut se caracterizava por uma forte percepção do papel da comunidade.

b) *Que o Espírito abra as portas...* Nem a Palavra de Deus nem o missionário serão os primeiros a chegar ao lugar onde o Evangelho será anunciado. O Espírito Santo é sempre o primeiro missionário. Portanto, não cabe ao missionário ou ao pregador produzir despertamento. É o Espírito Santo quem prepara o coração das pessoas para receberem a Palavra, de modo que ela se torne frutífera na vida dos ouvintes. *A graça precursora* determina e enfoca a missiologia de Zinzendorf. Cabe a nós, enquanto igreja de Jesus Cristo neste mundo, compreender o papel do missionário neste mundo e perguntar: como o campo missionário pode ser discernido?

c) *De lugar em lugar... em busca dos preparados!* Para Zinzendorf, nem todos os dias são dias de oportunidade. Nem em todos os dias, a disponibilidade e a graça de Deus são iguais. Discursando a partir da Confissão de Augsburg, Zinzendorf dizia que as nações têm os seus tempos de oportunidade: tempo de graça, quando o Espírito fala muito de perto e com muita convicção às nações. Zinzendorf também não se iludia quanto ao fato de quem nem todos os que ouvissem a Palavra, reagiriam de forma positiva ao anúncio desta. Num primeiro momento, dever-se-ia ganhar apenas algumas pessoas

³⁴ Valdir STEUERNAGEL, op. cit., p.107-108.

para Cristo, estabelecendo-se, a seguir, a comunidade dos *primeiros frutos*. Essa pequena comunidade teria, num segundo momento, a tarefa de conduzir a população inteira a Cristo e levar a nação inteira à igreja. Nesse sentido, a missiologia de Zinzendorf coloca para a igreja atual o desafio de interpretar o tempo da oportunidade e discernir o terreno que está preparado, o que nem sempre é fácil.

Resumindo em forma de tópicos:

- Missão é uma das marcas da igreja: ela não tem outra alternativa senão compartilhar o que ela mesma tem recebido – salvação em nome do Cordeiro.

- A atividade missionária sempre é secundária: ela é precedida da graça de Deus e pelo Espírito Santo que prepara o terreno.

- Espera-se que o missionário e a comunidade que o envia discernam o chamado de Deus e vão exatamente àqueles lugares onde o Espírito os está enviando. Estes são os campos preparados.

- Obediência missionária deve ser realizada num e com um espírito de humildade e serviço.

- A mensagem do Evangelho não deve ser imposta a ninguém. Se em algum lugar as portas se mantiverem fechadas, o missionário deverá ir adiante, rumo a outro lugar. Nesse sentido, a proclamação do Evangelho sempre é compreendida como convite e o exercício missionário como uma peregrinação.

- O Espírito Santo é livre para realizar sua própria e criativa obra: o missionário da comunidade de Herrnhut estava livre de amarras organizacionais e de rígidos vínculos confessionais. A forma que o campo missionário deverá assumir também deve ser obra do Espírito. Nem mesmo o modelo de Herrnhut deve ser imposto às comunidades que surgirem do trabalho missionário.³⁵

V. IMPULSOS PARA A MISSÃO HOJE: CHANCES E BARREIRAS

- *A causa é tua, Salvador; a causa que abraçamos. Por isso nós, com zelo e ardor por ela batalhamos...* Assim a estrofe de um hino que cantamos. Missão é, antes de mais nada, de Deus. E no fato de ser de Deus, reside a sua chance e oportunidade. Por outro lado, a maior barreira para a missão e a evangelização somos nós mesmos. Ou, se o quisermos dizer com outras palavras: a melhor forma de se convidar o ser humano secularizado para um encontro com Jesus Cristo é através de um cristão impulsionado, motivado e

impelido pelo próprio Senhor. Nada melhor para entusiasmar alguém com o Evangelho do que alguém que está entusiasmado pelo Evangelho! Quando duas pessoas estão apaixonadas, geralmente demonstram um semblante radiante. Percebe-se a sua paixão! O mesmo se dá quando alguém conhece e vive com Jesus: há uma relação de amor, há libertação, perdão de pecados, alegria! Esse amor pelo seu Senhor caracterizou a comunidade de Herrnhut. E as pessoas ao nosso redor percebem rapidamente se aquilo que transmitimos é algo que mexe conosco mesmos. Se a falta de amor e entusiasmo pelo Senhor é uma barreira para a nossa missão, o primeiro passo é admitirmos nossa situação. Assim como o fizeram os discípulos em João 21.5ss. Eles foram honestos com Jesus. Eles sabiam do seu cansaço, das suas decepções e frustrações: a noite toda pescando sem pescar nada! Muito investimento, mas nenhum fruto, nenhum sucesso. Muitos de nossos membros e obreiros se sentem assim: exteriormente temos uma inclinação positiva para a missão, mas interiormente nos sentimos cansados, frustrados, sem ânimo. Precisamos renovar nosso compromisso com o Senhor, renovar nosso amor. Antes de ouvirmos o *ide por todo o mundo*, necessitamos ouvir o *vinde a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados...* Desejo que o brilho da glória de Jesus resplandeça através de nós, de maneira que outras pessoas desejem viver com Jesus.

- A falta de clareza teológica também pode constituir-se em uma barreira para a missão. Em muitas de nossas comunidades a palavra *evangelização* causa arrepios. Teme-se fanatismo religioso, uma pregação legalista, manipulação dos sentimentos. Teme-se a evangelização antes mesmo de conhecê-la! É possível que muitos dos sentimentos de resistência se justifiquem. Contudo, o Pietismo nos apresenta um legado rico e atual, que não deveria ser simplesmente desprezado a despeito de experiências individuais negativas. Da mesma forma, ao discutirmos o tema da missão, não há como ignorar a tensão entre batismo e fé (quando se coloca após o batismo um ponto final, nada mais há para ser mediado), a tensão entre *servo arbítrio* e o chamado à decisão (por mais corretas que sejam as assertivas a respeito da vontade cativa do ser humano, a Bíblia está repleta de apelos à vontade humana), a tensão entre juízo e graça (onde ainda se prega a respeito do juízo final, da necessidade de prestarmos contas diante de Deus?), a tensão entre a exclusividade de Jesus Cristo enquanto único mediador entre Deus e os homens num contexto de pluralismo religioso e a tensão a respeito da hermenêutica bíblica (até que ponto a Bíblia Sagrada é *norma normans?*). A nossa compreensão e clareza a respeito dos temas apontados determinarão a nossa compreensão de missão da igreja.

³⁵ Valdir STEUERNAGEL, op. cit., p.110.

• Sem poder aprofundar o assunto, mencionamos a pós-modernidade como barreira e chance para a missão, ao mesmo tempo. Mencionamos apenas quatro implicações da pós-modernidade para a missão: a) o ser humano pós-moderno não está mais acostumado a ouvir por muito tempo – o mundo da televisão e do computador nos induzem a constantes mudanças. Não estamos mais aptos a ouvir com paciência as verdades das Escrituras. Isso implica repensarmos e refletirmos a prédica em nossos cultos. b) O ser humano pós-moderno tende a suprimir, abafar a realidade – a vida real é feita de dois pólos: prazer e sofrimento, alegria e dor, receber e perder. Ambas as dimensões necessitam ser mantidas juntas. O Evangelho nos fala de Jesus que trouxe alegria, mas que também morreu de forma miserável na cruz. O Evangelho nos fala de Jesus que nos oferece a vida em abundância, mas que também espera o discipulado. Discipulado implica prazer e sofrimento. Falar do Evangelho como dádiva e compromisso é o desafio da evangelização. c) O ser humano pós-moderno tende a não se comprometer – quando se compromete, é somente por um período limitado de tempo. Vivemos na era do consumo e do descarté. No entanto, assim como no casamento clássico, o Evangelho implica compromisso vitalício. d) O ser humano pós-moderno tende a ignorar a transcendência – ainda que se perceba um alto grau de religiosidade no povo brasileiro, há muito tempo essa religiosidade é uma religiosidade sem o Deus Pai de Jesus Cristo. É uma religiosidade que se volta para a superstição, para a força de vontade própria ou para o agnosticismo.

VI CONCLUSÃO

Desejamos que o estudo biográfico da vida de Zinzendorf e a percepção de seus princípios de missão nos ajudem a termos clareza do centro: o Senhor e a missão. Um movimento somente se perpetuará se tiver clareza de sua vocação. Tenhamos, pois, clareza de nossa vocação histórica.

Que tenhamos a mobilidade (espiritual e física) necessária para permanecer ao lado das pessoas que queremos alcançar. Sem investimento intensivo em relacionamentos dificilmente teremos êxito em alcançar o ser humano pós-moderno.

Que não percamos o ritmo de vida para o qual Jesus nos convida: Ele nos convida para irmos, por todo o mundo e, na medida em que formos, façamos discípulos de todas as nações. Porém, antes de nos enviar, o mesmo Senhor nos convida a nos achegarmos a Ele, para dele recebermos novas forças. A nosso ver, entre nós a dimensão do receber não está suficientemente

contemplada. Por isso, encontramos tantos obreiros descontentes ou desanimados. Contudo, nós somos convidados a viver e a nos suprir das boas dádivas que Ele nos dá. Quem muito dá, muito necessita receber.